



GÊNERO

BETTY FRIEDAN (1921 – 2006)

Albertina de Oliveira Costa

Betty Friedan desempenhou um papel fundamental na reativação do movimento feminista norte-americano nos anos 1960.

Em *Mística feminina*, publicado em 1963, descreveu o mal sem nome, a miríade de frustrações que vitimava as mulheres educadas de classe média confinadas à domesticidade dos subúrbios. Apesar da má acolhida inicial, o livro, que culpava educadores, publicitários, psicólogos e cientistas sociais pelo afastamento feminino da força de trabalho e da vida pública, tornou-se um *best seller* que galvanizou a América, teve forte impacto internacional e erigiu sua autora à condição de ícone da nova onda feminista.

Foi uma das idealizadoras e a primeira presidente da National Organization for Women (NOW), criada em 1966, para combater o sexismo e defender a igualdade no trabalho, a licença-maternidade e o acesso à contracepção. Em 1969, foi uma das fundadoras da National Association for the Appeal of Abortion Laws, conhecida hoje como Naral Pro Choice .

O início dos anos 1970 nos Estados Unidos foi marcado por importantes vitórias do movimento feminista. Em 1970, ano em que Friedan deixaria a presidência da NOW, a cidade de Nova York tornou mais flexível sua legislação sobre o aborto, que viria a ser legalizado, em 1973, pela Suprema Corte americana. Ganhos na legislação antidiscriminatória foram alcançados. Rosto público do feminismo liberal, Betty Friedan participou ativamente do *lobby* pela implementação da Emenda dos *Equal Rights*.

Em 1971, visitou o Brasil a convite de Rose Marie Muraro, então na Editora Vozes, para lançar, no Rio de Janeiro e em São Paulo, a versão brasileira da *Mística feminina*.¹ Esta visita num contexto de ditadura militar e opinião pública aferrolhada tende a ser lembrada por tumultuada entrevista ao jornal *Pasquim* (ver numero 94).

Personalidade controversa e tempestuosa, a ferocidade de suas brigas com Gloria Steinem e Bella Abzug, companheiras na fundação do Women's Political Caucus, tornou-se célebre.

Em 1981, publicou a *Segunda etapa*,² em que argumentava que o feminismo perdia terreno por causa de sua oposição ao casamento e a família. Nos anos 90, vivendo numa comunidade de pessoas idosas, voltou-se para assuntos relacionados com envelhecimento e analisou criticamente estereótipos sobre velhice em

Niterói, v. 6, n. 2 - v. 7, n. 1, p. 17-18, 1. - 2. sem. 2006 17

Fountain of Age (1993). Num contexto de retrocesso dos direitos das mulheres, voltou a se engajar ativamente no movimento *Pro Choice*

Betty Naomi Goldstein nasceu em Peoria, Illinois, em 4 de fevereiro de 1921, filha de um imigrante russo proprietário de uma joalheria. Freqüentou uma universidade de elite, o Smith College, em Massachussets, onde tornou-se uma estudante radical. Militante de esquerda, colaborou em jornais sindicais. Casou-se em 1947 com Carl Friedan, um produtor de teatro, e dedicou-se a criar seus três filhos no período do macartismo, quando expressar opiniões de esquerda poderia resultar em perseguição e ostracismo.

Com *Mística feminina*, Betty Friedan conseguiu catalisar com habilidade a insatisfação das mulheres em relação ao seu lugar na sociedade e mobilizar sua energia para provocar mudanças.

Notas

¹ FRIEDAN, Betty. *Mística Feminina*. Petrópolis: Vozes, 1971.

² FRIEDAN, Betty. *A segunda etapa*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1983.

Uma biografia exemplar: HOROWITZ, Daniel. *Betty Friedan and the making of the feminine mystique: the american left, the cold war and modern feminism*. Massachusetts: University of Massachusetts Press, 1998.